

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTA  
APRENDIZAGEM INTEGRAL, SUJEITO CONTEMPORANEIDADE**

**GUSTAVO COSTA**

**O VOLUNTARIADO NOS CAMINHOS DA FORMAÇÃO INTEGRAL**

**Porto Alegre**

**2021**

GUSTAVO COSTA

**O VOLUNTARIADO NOS CAMINHOS DA FORMAÇÃO INTEGRAL**

Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação no curso de Especialização em Educação Jesuíta: Aprendizagem Integral, Sujeito e Aprendizagem da Universidade do Vale do Rio do Sinos – UNISINOS.

Orientador(a): Profa. Ms. Christiane Miranda Sisson

Porto Alegre

2021

## O VOLUNTARIADO NOS CAMINHOS DA FORMAÇÃO INTEGRAL

Gustavo Costa<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a importância do projeto Ações Solidárias – Voluntariado no processo de Formação Integral dos estudantes do Colégio Anchieta. Os fundamentos teóricos da pesquisa remetem ao conceito de Educação Integral, tendo como horizonte a Formação Integral, presente nos documentos da Companhia de Jesus e a importância da experiência no processo de formação, apontada por Jorge Larrosa. A partir de uma entrevista qualitativa, tomei conhecimento da forma como os estudantes entendem e percebem os benefícios do processo de participação do Voluntariado na elaboração dos seus respectivos Projetos de Vida. Os resultados colhidos apontam para a importância da manutenção do Projeto e, para além disso, uma possível oferta a todos os estudantes, não de forma optativa, mas integrando uma carga horária no Currículo do Ensino Médio.

**Palavras-chave:** Voluntariado. Educação Integral. Formação Integral. Experiência. Projeto de vida.

## 2. INTRODUÇÃO

Outro dia tive contato com um texto do Padre James Hanvey, S.J, por ocasião da preparação para o II COLLOQUIUM JESEDU-Global2021. Colocava ele a seguinte pergunta:

Entonces, ¿Qué relevância tiene Dios?. ¿Qué relevância tiene la fé? ¿Qué perderíamos realmente si la dejáramos de lado, y todas las preguntas y tensiones que podría generar? ¿Serían nuestras escuelas menos eficaces o atractivas o estarían guiadas en menor medida por valores éticos y educativos claros? (HANVEY, 2021, p. 3).<sup>2</sup>

Confesso que a pergunta me fez pensar sobre minhas práticas, enquanto Orientador Religioso, Espiritual e de Pastoral e professor de Ensino Religioso do 9º Ano do Ensino Fundamental, funções que desempenho hoje no Colégio Anchieta, em Porto Alegre.

Nasci em Triunfo (RS), onde vivi junto com os meus pais até os 13 anos de idade. Logo após, vivenciei oito anos de formação em regime de internato para o clero diocesano: quatro

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); atua no Colégio Anchieta de Porto Alegre/RS, desempenhando as funções de Professor e Orientador Religioso, Espiritual e de Pastoral (SOREP). E-mail: [gudacosta@colégioanchieta.g12.br](mailto:gudacosta@colégioanchieta.g12.br)

<sup>2</sup> Texto da palestra do Padre James Hanvey, S.J. Disponível em: <https://www.educatemagis.org/wp-content/uploads/2021/05/JESEDU-Global2021-James-Hanvey-SJ-Spanish-1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

anos no Seminário São José, de Gravataí/RS (menor – Ensino Médio e Propedêutico); e quatro anos no Seminário São João Batista, de Viamão/RS (maior – Ensino Superior – Filosofia e Teologia). A experiência deste tempo foi muito significativa na minha formação e continua reverberando enquanto professor e orientador religioso.

Antes de iniciar minhas atividades no Colégio Anchieta, tive a oportunidade de contribuir modestamente com o meu trabalho em outras escolas em Porto Alegre e Região Metropolitana, onde atuei em excelentes projetos, considerando as condições e o meio em que estavam inseridas. De tal experiência, urge em mim um questionamento: qual é o nosso diferencial enquanto colégio? O que faz com que as pessoas optem pelo Colégio Anchieta em vez de se direcionarem a qualquer outra instituição de ensino? Enfim, qual o nosso diferencial em relação à aprendizagem dos nossos estudantes?

Desde 2017, atuo junto a um grupo específico no Colégio, que integra o projeto Ações Solidárias ou, como popularmente é conhecido, o “Grupo do Voluntariado”. Ao longo desses poucos e intensos anos, pude acompanhar diferentes jovens estudantes na sua busca pessoal pelo sentido da vida, por horas complementares, ou simplesmente por algo que fazer nas quintas-feiras à tarde... Diferentes são os motivos que os fazem ingressar no grupo, mas, de forma geral, o resultado de um encantamento pela proposta, de querer se envolver mais e dar seguimento nessa transformação (externa e interna), é sempre muito parecido.

A leitura do texto do Padre James levou-me a relacionar algumas vivências junto aos estudantes com a produção acadêmica para a conclusão da especialização em Educação Jesuítica, que estou realizando. Vi muito sentido em suas palavras, sobretudo na afirmação de que:

La educación es mucho más que las transacciones de conocimiento del aula. Ocurre en y a través de los valores y las relaciones vividas; las formas en que la comunidad de la escuela da forma a sus estructuras, su enseñanza, sus interacciones y procedimientos, especialmente sus sistemas de apoyo y disciplina, y las expectativas que imparte a sus alumnos, familias y personal con respecto a su comportamiento y disposiciones. Se manifestará en su visión y creatividad; en quiénes están incluidos y excluidos, especialmente en la forma en que responde a los miembros más débiles, sobre todo en esa característica jesuita del "cura personalis": el cuidado de toda la persona, el desarrollo de sus capacidades y el aprecio de sus dones. (HANVEY, 2021, p. 5).

Enquanto colégio jesuíta, temos alguns compromissos em relação aos nossos estudantes que transcendem o “puramente acadêmico”. A grande pergunta que vem me inquietando ao longo desses anos é: não seria essa a oportunidade de transformar o Voluntariado em algo indispensável na formação dos nossos estudantes? Como já dizia um importante teólogo da

Igreja, Santo Agostinho: “Só amamos o que conhecemos”. Como nossos estudantes poderão conhecer essa experiência de autoconhecimento se nunca tiveram uma oportunidade – por vezes a simples opção de participar do projeto é suficiente? – de participação?

O Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) nos aponta cinco movimentos: contextualizar, agir, experienciar, refletir e avaliar. Quando pensamos no dia a dia da sala de aula dos nossos estudantes, quais experiências profundamente cristãs e inacianas estamos realmente proporcionando ao longo da construção dos seus projetos de vida? É suficiente oferecer algo tão especial de forma facultativa?

O presente trabalho pretende salientar como o Projeto Voluntariado é uma valiosa contribuição para a vida dos estudantes a partir da ação e da reflexão que propõe. Enfim, essas foram as motivações, posteriores objetivos deste artigo, que pretende ser o começo de uma investigação, sem a pretensão de constituir-se numa verdade finalizada. Reflito aqui sobre minha experiência vivida, meditada, refletida junto aos estudantes e que visa a contribuir para a constante evolução do Colégio Anchieta e dos demais colégios jesuítas na manutenção e no aprimoramento de uma experiência de Formação Integral profunda e humanista para todos os envolvidos no processo.

Fui buscar respostas para a minha pergunta sobre o Voluntariado ser uma experiência indispensável na formação dos(as) nossos(as) estudantes, segundo a proposta educativa dos colégios jesuítas, nos documentos da Companhia de Jesus, principalmente naqueles que abordam a Pedagogia Inaciana; trouxe o olhar de teóricos da educação, com destaque para Jorge Larrosa, que apresenta, de forma muito significativa, a ideia inaciana da importância da experiência na trajetória educacional de nosso educando. Realizei também uma entrevista qualitativa com alunos e ex-alunos no intuito de confirmar a premissa apontada por Larrosa.

Para melhor compreensão do funcionamento de um colégio jesuíta e do fundamento da questão que proponho nesse artigo, apresentarei, de forma sintetizada, alguns conceitos relevantes sobre experiência e a compreensão de cada um deles na visão de Inácio de Loyola e, hoje, do Colégio Anchieta de Porto Alegre, que tem uma história de 130 anos dedicados à prática de uma educação de qualidade, uma vez que sempre se pautou pela “excelência humana e acadêmica” – “um ser humano consciente, competente, compassivo e comprometido” (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 30).

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Formação Integral

Encontrar Deus em todas as coisas e  
ver que todas as coisas vêm do alto.  
(Santo Inácio)

Quando falamos em Educação Integral, temos como horizonte a Formação Integral dos educandos nas dimensões cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosa (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016 p. 49): esse é o foco do Projeto Pedagógico dos colégios da Companhia de Jesus. Formação Integral abrange um âmbito maior: para a vida, para as escolhas, para um projeto de vida. Na proposta educativa da Companhia de Jesus, somos convidados a educar integralmente para formar integralmente.

### 2.2 A Espiritualidade Inaciana

A Espiritualidade Inaciana (EI) tem seu alicerce nos Exercícios Espirituais (EE), que se constituem como um itinerário de vida, mas não de qualquer forma de vida, ou seja, os EE são um caminho (ou uma “pedagogia”) de vida cristã. Um dos grandes objetivos de Inácio com os EE era, segundo Lopes (2018, p. 167), “conduzir (despertar, estimular) o exercitante no caminho de fazer opções de maior estima no seguimento de Cristo vivo, escutando o seu apelo, no serviço da fé e da justiça de um modo inculturado”.

No que diz respeito aos EE, existe uma particularidade (curiosidade): não são um método autoaplicável. Pensemos na hipótese de alguém estar desejoso de conhecer esse “método” e ávido pela leitura dos EE, onde constam as anotações de Inácio ao longo das quatro semanas. Quem ler o livro terá feito os Exercícios? Não! Os EE são mais do que uma simples leitura, são uma “experiência”, que precisa ser vivida sob acompanhamento de alguém mais experiente que, por sua vez, já tenha vivenciado a mesma prática anteriormente (com ajuda de outro “orientador”) e que seja qualificado para conduzir o acompanhamento, propondo reflexões, meditações e contemplações, orientando o exercitante sobre os sentimentos (moções) que forem emergindo ao longo da experiência.

O propósito dessas conversas era que a pessoa que dava os exercícios ajudasse a outra a compreender a experiência como um meio para fazer escolhas cristãs sábias e afetuosas em liberdade, que realmente refletissem o seu desejo de viver para ‘o maior

louvor e glória de Deus’ (uma das expressões favoritas de Inácio). (LONSDALE, 2002, p. 16).

Os EE têm por objetivo o autoconhecimento. A estrutura deles apresenta uma variedade de formas de oração ou “exercícios para o espírito” que o próprio Inácio achava interessantes e proveitosos em várias ocasiões, sobretudo quando ele estava se autoconhecendo e aprendendo mais sobre si e sobre como rezar, durante sua convalescença em Loyola e depois em sua estadia em Manresa. O que Inácio apresenta no livro dos EE, em outras palavras, é uma sequência ordenada de diretrizes práticas para introduzir as pessoas em novas formas de rezar, a princípio no ambiente de um retiro fechado, mas com possibilidade de ser adaptado para as circunstâncias variadas da vida cotidiana. Inácio sempre se mostrou aberto quanto à adequação dos exercícios de acordo com o desejo e a capacidade de quem os recebe.

Uma das características que também chama atenção na Espiritualidade Inaciana (EI) e que acaba por se diferenciar de algumas outras espiritualidades – como a espiritualidade presente na conhecida ordem beneditina que, de certa forma, traduz-se no lema *ora et labora*, e na espiritualidade presente nas ordens mendicantes, de forma geral, que se traduziam em um fim na própria comunidade, voltadas à oração, à contemplação e à eternidade, quase que “ignorando” o mundo e a importância da missão concreta aqui onde cada um se encontra – é o seu enfoque no mundo presente. Não que a EI não contemple o âmbito da vida eterna, mas ela é voltada para o apostolado. A comunidade, para Inácio, é o sentido da missão. Podemos dizer que a EI tem seus dois “pés no chão”, ou, como diz São Tiago em sua epístola no Novo Testamento: “a fé sem obras é morta” (Tg 2, 26), logo, devemos cultivar nossa relação com o transcendente sem nos desligarmos do presente e do nosso compromisso enquanto seres humanos, cidadãos e cristãos nesse mundo. O Deus vislumbrado por Inácio, portanto,

[...] está bem presente nesse mundo e convida as pessoas a colaborarem com um projeto que tem lugar nesse mundo. Sua espiritualidade tem, claro, uma dimensão sobrenatural: de outro modo não seria fiel ao Evangelho. A salvação prometida por Deus e pela qual as pessoas são convidadas a trabalhar tem sua plenitude na vida eterna. Mas ela começa aqui, e a imagem que Inácio faz do Reino de Deus não seria genuinamente cristã se considerasse sem importância essa dimensão presente. (LONSDALE, 2002, p. 84).

Segundo David Lonsdale (2002), a mente de Inácio funcionava mais claramente com o concreto, com narrativas, ilustrações e imagens. Mesmo em momentos de meditação ou de contemplação, Inácio provoca o exercitante a enxergar, a compor a cena, a olhar o que as pessoas fazem, como se comportam, a escutar o que dizem, a imaginar o cenário nos mínimos detalhes. Isso diz muito daquilo que hoje enxergamos nos colégios da Companhia de Jesus, que

ênfatisam esse aspecto de ação concreta, olhando para o mundo presente sem perder de vista a ligação com Cristo e seus ensinamentos.

Outra questão importante no que diz respeito a EI é que Inácio tinha consciência de que as pessoas possuem uma vida bastante atarefada, de modo que grande parte do tempo de cada um é consumido pelas tarefas cotidianas. Inácio enxergou isso. Percebeu que, segundo o que era proposto pela Igreja e pelas espiritualidades de sua época, ou as pessoas se dedicavam somente ao trabalho, não tendo uma vida de oração, ou somente à oração, suprimindo a vida de trabalho, de modo que um dos dois pilares ficava sempre enfraquecido. Notou ainda que muitas pessoas carregavam essa “frustração” de não conseguirem levar uma vida mais contemplativa devido a esses “fardos pesados”, propostos a quem desejasse seguir uma vida de oração no caminho da fé cristã. Como Inácio enxerga o cristão em ação no mundo, em diferentes frentes, sua espiritualidade está firmada no ser e no fazer de cada um e de cada uma, o que permite afirmar-se que a espiritualidade proposta por Inácio se aplica a cristãos de todos os modos de vida, fora de mosteiros contemplativos. Propõe um movimento de integração equilibrada, discernente de oração e vida ou ministério de tal forma que uma conduza a outra e vice-versa, para que haja mútuo sustento e enriquecimento entre ambas. Do *ora et labora* (beneditinos), por vezes um dificultador para o apostolado, Inácio enxerga uma saída: os jesuítas são contemplativos na ação.

Uma das frases favoritas de Inácio é caridade ou ‘amor discernente’ (*caritas discreta*). A frase é tentativa de captar o aspecto central dessa integração de vida e oração. O amor que atrai as pessoas com o compromisso com a vida e o reino de Deus é guiado e harmonizado para o Espírito Santo pelo hábito de reflexão constante, piedosa e discernente. (LONSDALE, 2002, p. 126).

Dentro da proposta de espiritualidade apresentada por Inácio, destaca-se o quanto ele valorizava a experiência. Obviamente, de nada serve uma experiência sem uma “reflexão” posterior a ela, fazendo-nos degustar, reviver e entender o real sentido de tudo o que experienciamos. Em certa altura da sua vida e de suas muitas experiências já vividas, Inácio chega a dizer: “Não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear internamente as coisas” (EE 2). O que estava no desejo do coração de Inácio era que, pelo fruto da sua experiência (a EI), todos pudessem também sentir esse sabor de “vida em abundância” presente nos Evangelhos e que pudessemos ser multiplicadores da vida. Esse é o apelo de Cristo: “eu vim para que todos tenham vida plenamente”. (Jo 10,10). Portanto, a EI também carrega esse compromisso “do discípulo cristão com Jesus, que não é puramente individual e pessoal, pelo contrário, tem uma dimensão estrutural social e envolve engajamento na luta pelo



Reino de Deus, que é e tem de ser uma realidade social e política aqui e agora.” (LONSDALE, 2002, p. 142).

Certa vez, no ano de 2005, circulou pela internet um texto que foi atribuído ao Papa João Paulo II como sendo uma carta aos jovens. O texto relata o que segue:

Precisamos de Santos sem véu ou batina. Precisamos de Santos de calças jeans e tênis. Precisamos de Santos que vão ao cinema, ouvem música e passeiam com os amigos. Precisamos de Santos que coloquem Deus em primeiro lugar, mas que se “lascam” na faculdade. Precisamos de Santos que tenham tempo todo dia para rezar e que saibam namorar na pureza e castidade, ou que consagrem sua castidade. Precisamos de Santos modernos, santos do século XXI, com uma espiritualidade inserida em nosso tempo. Precisamos de Santos comprometidos com os pobres e as necessárias mudanças sociais. Precisamos de Santos que vivam no mundo, se santifiquem no mundo, que não tenham medo de viver no mundo. Precisamos de Santos que bebam Coca-Cola e comam *hot dog*, que usem jeans, que sejam internautas, que escutem *disc man*. Precisamos de Santos que amem apaixonadamente a Eucaristia e que não tenham vergonha de tomar um refrigerante ou comer uma pizza no fim de semana com os amigos. Precisamos de Santos que gostem de cinema, de teatro, de música, de dança, de esporte. Precisamos de Santos sociáveis, abertos, normais, amigos, alegres, companheiros. Precisamos de Santos que estejam no mundo; e saibam saborear as coisas puras e boas do mundo, mas que não sejam mundanos. (AUTORIA DESCONHECIDA).<sup>3</sup>

Esta carta traduz para uma linguagem concreta aquilo que os colégios da Companhia de Jesus, por meio de seu currículo (que é como as veias para o corpo humano e por onde corre a EI), buscam oferecer às/aos estudantes, sejam eles crianças, sejam jovens. De maneira alguma, a Espiritualidade Inaciana quer deslocar as crianças e os jovens (estudantes) do seu contexto. Cada um, na sua individualidade, se soma a multiplicidade da vida, com o poder de transformação do espaço ao qual se está inserido. Ser um “santo de calça jeans” é esse “não se afastar do mundo” para transformá-lo como alguém alheio a ele. Sem nenhum proselitismo, a EI deseja formar pessoas mais humanas, justas e fraternas.

Assim, com aplicação concreta na educação e com o propósito de ensinar e propagar a Espiritualidade Inaciana nas obras da Companhia de Jesus, nasce o que hoje conhecemos como Pedagogia Inaciana.

### 2.2.1 A Pedagogia Inaciana

A Pedagogia Inaciana (PI) tem sua raiz e seu coração ancorados na Espiritualidade Inaciana. No entanto, como tudo na vida de Inácio está fortemente relacionado às experiências

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/noticias-falsas-na-rede-o-poema-que-o-papa-francisco-nao-escreveu-e-as-frases-que-nao-enviou-pelo-twitter-97914>. Acesso em: 01 ago. 2021.

que ele teve, podemos olhar para (o que veio a ser) a PI como um conjunto de metodologias que os jesuítas (alicerçados na EI e espelhados na vida em Cristo, ao exemplo de Inácio) julgaram de bom proveito para se aplicar na vida prática de um estudante dos seus colégios e universidades. Hoje, se analisarmos descontextualizadamente, a PI mostra-se como algo único; porém, quando analisamos a vida de Inácio de Loyola, podemos perceber fortes influências dos meios onde ele (con)viveu.

“A experiência pedagógica parisiense marcou Inácio por diversos fatores que ele não havia encontrado nas demais universidades”. (LOPES, 2018, p. 121). Ela está fortemente ligada à forma de olhar para a pessoa toda, em suas múltiplas dimensões. A repetição, por exemplo, é característica da própria EI e fazia-se muito presente nas práticas de Paris, dentre outras práticas e organizações. O próprio Inácio, por acreditar firmemente na eficácia do que havia experienciado, chegou a recomendar os estudos em Paris ao seu sobrinho Beltrán de Loyola, em 1539:

Se meu juízo tem algum valor eu não o enviara a outro lugar se não Paris, porque lá vós o fareis aproveitar mais em poucos anos que em muitos outros em outra universidade, e depois é terra onde os estudantes conservam mais honestidade e virtude. (LOYOLA, 1539 apud LOPES, 2018, p. 121).

A forma de ensino parisiense marcou a vida de Inácio por não ser uma rotina de transmissão tradicional de uma bagagem de conhecimentos, estava para além disso. O que Inácio experienciou em Paris foi “[...] a ativação de todas as capacidades do espírito, o meio por excelência de desenvolver e enriquecer a alma do aluno e de iniciá-lo numa atividade verdadeiramente criativa”. (CODINA, 1968 apud LOPES, 2018 p. 127).

As variadas formas de exercícios, encontradas por Inácio em Paris, fizeram-no perceber o potencial daquele local. Não se tratava de uma transmissão de conhecimento de forma rotineira, mas de uma ativação de todos os movimentos do espírito e das faculdades humanas (entendimento, vontade e memória), o que era uma forma brilhante de desenvolver o aluno como um todo (aqui já houve uma primeira noção de Formação Integral). Isso brilhou aos olhos de Inácio e de seus primeiros companheiros neste contexto de Paris.

Além de Paris, Inácio teve outras experiências em relação à educação, como em Alcalá de Henares, na Espanha, e na própria escola dos *Irmãos da Vida Comum* (uma agremiação constituída nos Países Baixos em torno do movimento de renovação religiosa *Devotio Moderna*, de Gérard Groote). Porém, segundo ele, “a ordem dos estudos parecia pouco exigente, sendo a

principal razão para desaconselhar os sistemas empregados nesses locais”. (LOPES, 2018, p. 136-137).

Em 1534, é fundada a Companhia de Jesus. O reconhecimento por bula papal aconteceu apenas seis anos depois, em 1540, pelo Papa Paulo III. Estando a Companhia oficialmente fundada e aceita pelo papa, os então jesuítas se questionavam sobre o trabalho que desempenhariam para a maior glória de Deus. Aconteceu que, diante do encantamento pelo *modo parisiense*, os jesuítas se concentraram na abertura do primeiro colégio para alunos externos e na reprodução dessa “pedagogia” de Paris. Surge em 1548, então, o Colégio de San Nicolò, em Messina, a pedido do vice-rei da Sicília, Juan de Vega, e da própria sociedade local. Esse foi um marco importante e de muito sucesso na história dos jesuítas na educação. O Colégio de Messina juntava os melhores talentos jesuítas da época, entre eles, os conhecidos Pedro Canísio e Jerônimo de Nadal, o primeiro reitor.

Assim que Nadal fora escolhido para desempenhar a função de reitor, não hesitou em elaborar um folder para divulgar todo o investimento em pessoal qualificado (os melhores dos melhores) e em firmar nesse material de divulgação a adesão do Colégio de Messina ao modo parisiense (*modus parisienses*), conhecido pela grande maioria dos sicilianos. Nadal frisava a aplicação do binômio ‘virtudes e letras’, ou de boas maneiras (um olhar para além do acadêmico). Ele afirmava serem as lições e os exercícios escolares “como uma espécie de gancho para pescar almas”. (LOPES, 2018 p. 138). Essa mobilização repercutiu tão positivamente, que esse folheto de divulgação é considerado o “primeiro Projeto Educativo da Companhia de Jesus”. (LOPES, 2018, p. 138). O sucesso foi tamanho que, em pouco tempo, o Colégio não comportava mais receber estudantes de outros países que vinham em busca dessa metodologia.

O modelo de Messina repercutiu tanto pelo mundo que Inácio decidiu replicá-lo em todos os colégios que a Companhia de Jesus, com rapidez, ia constituindo em outros países, inclusive no famoso Colégio Romano, instituído por Inácio em 1551, com o qual ele carregava o bem-sucedido sonho de ser a instituição modelar da Companhia.

A breve contextualização até aqui apresentada serve como lastro para um personagem muito importante nessa história: Jerônimo de Nadal. Por seu ímpeto, por sua sabedoria e por ser o primeiro reitor de um Colégio de tamanho sucesso, ele é considerado o fundador da pedagogia dos jesuítas, “pois foi ele que, tendo se inspirado no *modo parisiense*, estabeleceu as bases sobre as quais deveria repousar todo o edifício escolar da Companhia de Jesus”. (CODINA, 1968 apud LOPES, 2018 p. 142).

Com o passar dos anos, outros colégios foram inaugurados, dando corpo à missão proposta pelos Jesuítas, surgindo assim a necessidade de uma diretriz que guiasse o fazer pedagógico de cada uma das novas instituições, de acordo com a ideia original do Colégio de Messina e, posteriormente, do Colégio Romano, considerando que os novos colégios não contariam com a proximidade de Inácio nem de seus irmãos de fé que trilharam o caminho e criaram uma metodologia muito inovadora. Era preciso elaborar um mapa para chegar a esse tesouro. Eis que nasce em 1599, cinquenta anos depois, a *Ratio Studiorum*, que acabou orientando a missão na educação da Companhia de Jesus e ainda serve de embasamento aos nossos dias.

A *Ratio Studiorum* teve excelente êxito. Sua aplicação se deu de forma inquestionável até meados dos anos 1980, quando Pe. Pedro Arrupe, então Superior Geral da Companhia de Jesus, dirige a alocução *Nossos Colégios Hoje e Amanhã*. Em seguida, foi nomeada uma comissão internacional de jesuítas para pensarem e elaborarem uma declaração atualizada sobre a natureza, os princípios e os elementos fundamentais da educação jesuíta. O produto desse trabalho foi o documento *Características da Educação da Companhia de Jesus*, promulgado pelo Superior Geral posterior, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, em dezembro de 1986.

O documento *Características da Educação da Companhia de Jesus* foi amplamente divulgado em 13 idiomas, ocasionando o acesso de muitos educadores às novas premissas apontadas pela Companhia. Diante de tudo o que foi apresentado e das potenciais mudanças que estavam a caminho, começam a surgir dúvidas e anseios referentes à forma de aplicação das propostas apresentadas no documento. Dos anseios trazidos quanto à forma de aplicação do então documento de 1986, uma nova comissão é formada a pedido do Superior Geral para se debater o tema e se chegar a uma conclusão objetiva de tudo o que até então estava sendo apontado. Eis que em 31 de julho de 1993 é promulgado o documento *Pedagogia Inaciana: uma proposta prática*.

O que o documento *Características* aponta de forma muito clara é que

A finalidade da educação jesuíta nunca foi simplesmente a aquisição de um acervo de informações e de técnicas, ou a preparação para uma carreira, embora estas sejam importantes em si mesmas e úteis para os futuros líderes cristãos. O fim último da educação secundária da Companhia de Jesus é antes o crescimento pleno da pessoa que leva à ação. (CARACTERÍSTICAS, 1987, p. 53).

Destarte, a partir do documento *Pedagogia Inaciana*, surge uma forma muito *prática* de entendermos todo o processo de aplicação da PI: o Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI).

### 2.1.1.1 O Paradigma Pedagógico Inaciano

O Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) surge como novo modo pedagógico para os colégios da Companhia. O PPI é composto de cinco elementos: contextualização, experiência, reflexão, ação e avaliação. Esses devem ser entendidos como dimensões, não como passos lineares que se sucedem de forma cronológica. Bastero e La Puente afirmam que esses elementos do PPI são como “um conjunto de vivências que ocorrem em quem aprende e que influem em suas decisões”. (BASTERO E LA PUENTE, 2005 apud LOPES, 2018, p. 155). O PPI tem por objetivo fomentar a personalidade, o protagonismo e a criatividade em todo participante de qualquer processo educativo.

Segundo Lopes (2018 p. 109):

A contextualização é o reconhecimento da situação e do ambiente do educando, da instituição educativa e da realidade circundante [...].

A experiência comporta dois elementos: 1) O contato mais direto possível do aprendiz com o objeto do conhecimento e 2) O reconhecimento da ressonância que esta experiência produz no seu mundo interior [...].

A Reflexão [...] Não restringe-se ao pensar sobre o acontecido, mas debruça-se sobre a experiência realizada e inquire o sentido e as implicações do conhecimento que está construindo.

[...] (A) ação, que pode ser interiorizada ou também exteriorizada. A *Ação interiorizada* é a transformação interior que o aprendiz reconhece a partir da experiência que fez e do conhecimento que construiu. *Ação exteriorizada* é a transformação manifesta externamente por novas atitudes do aprendiz.

(O campo da avaliação) [...] por força do binômio *virtudes e letras* [...] se amplia para além dos conteúdos acadêmicos, passando a contemplar também o *progresso nas atitudes, prioridades. Modo de proceder de acordo com o objetivo de ser “pessoa para os outros”*. (LOPES, 2018, p. 109).

## 3. O AMOR É (DO)AÇÃO

A história da conversão de Inácio é conturbada. Inácio encontra-se consigo mesmo e com Deus, a partir de um ferimento gravíssimo em sua perna, por conta de um tiro de canhão em uma batalha. Durante o período de recuperação, Inácio teve contato com livros que contavam a história de vida dos santos, o que o deixou inquieto. De início, ele só tinha interesse por livros que retratassem as histórias de cavalaria, de conquistas e de romances vividos por cavaleiros. Ao se deparar e conhecer a história de vida de pessoas comuns e reconhecer sua oblação para Deus, brota em seu coração um desejo ainda não compreendido de fazer mais, de se doar, de agir!

A máxima “o amor consiste mais em obras do que em palavras” (EE 230) vem ao encontro daquilo que é o cerne da EI: “o ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir

a Deus” (EE 23,2). O serviço é um ponto central a ser levado em consideração. Todos nós cidadãos (sobretudo os cristãos) temos o compromisso de servir, não por mero assistencialismo, mas por entender que todos somos corresponsáveis na construção de um mundo melhor.

### **3.1. O Voluntariado no Colégio Anchieta - A Memória**

O amor consiste mais em obras do que em palavras  
(EE 230)

No Colégio Anchieta, de Porto Alegre, a prática do voluntariado já existe há muitos anos. Quando optei por realizar a escrita do presente artigo sobre o tema, tive uma conversa com um professor que já tem uma longa trajetória na instituição, o professor Ivanor Felix Reginatto. Na conversa, o professor Ivanor apresentou um panorama geral, o qual pretendo resumir aqui nos parágrafos seguintes.

Desde quando o voluntariado começara, sempre houve um forte apelo para que não fosse encarado como uma ação isolada, mas sim, como disse o próprio professor Ivanor, o objetivo era que fosse visto como “apostolado”. Ele mencionou ainda que o projeto acontecia na ocasião do segundo ano do segundo grau, atualmente a 2ª Série do Ensino Médio.

Segundo o professor Ivanor, toda a ação do voluntariado perpassava três momentos ou fases: sensibilização (humana), solidariedade (social) e apostolado (nossa identidade – experiência). Na fase da sensibilização, todos os estudantes iam conhecer um local que necessitava de ajuda. A turma alugava e dividia os custos para o transporte. No local, após observar o contexto da instituição, a turma era convidada a realizar uma ação solidária para aquela comunidade (solidariedade). Após a ação, os que efetivamente quisessem poderiam continuar a missão, mas agora “colocando a mão na massa”. Digamos que a ação social para uma distinta instituição fosse a arrecadação de farinha para fazer pão. Nesse caso específico, o apostolado seria ir até o local todas as semanas e garantir o pão feito e distribuído, alimentando as pessoas carentes e necessitadas.

Um outro projeto que acontecia às segundas-feiras à noite era o Ronda Noturna. Os estudantes, com alimentos doados por eles, preparavam 100 (cem) lanches para serem distribuídos aos moradores de rua de Porto Alegre. As rondas realizadas sob tutela do professor Ivanor guardam histórias emocionantes, como a de um estudante que, depois de sensibilizar-se pelo frio que um dos moradores estava sentindo, em uma noite típica do inverno de Porto Alegre, tirou o seu próprio casaco, seu tênis e suas meias, vestindo o homem desconhecido.

Nesse dia, o estudante voltou para casa de pés descalços e sem nada, além da calça e da camiseta para aquecê-lo, contou o professor Ivanor, emocionado.

Obviamente, encurtei radicalmente a história. Vale dizer que houve outros nomes de professores que estiveram à frente desses projetos até chegarem aos dias de hoje. Atualmente, o Ronda Noturna não existe mais. Por uma questão de segurança, optou-se pela descontinuidade do projeto, permanecendo hoje o Colégio com o Projeto Ações Solidárias, que engloba um conjunto de ações, dentre elas, o Voluntariado, que hoje trabalha com uma metodologia um pouco diferente da época do professor Ivanor e de outros, mas tão significativa quanto.

A partir do relato, nota-se que há oportunidades e desafios de praticar, como comunidade educativa, ações dessa natureza com a prerrogativa de formar integralmente. Como educadores, podemos perguntar: o que, como e por que formar integralmente? A resposta à pergunta é o contraponto que vemos hoje: “[...] o mundo acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo que podemos experimentar. A experiência das pessoas em diferentes lugares do mundo se projeta na mercadoria, significando que ela é tudo o que está fora de nós”. (KRENAC, 2020, p. 45).

No mundo da velocidade e da mercadoria, somos constantemente chamados à ação. A grande questão é que nossa ação, por vezes, é vazia de sentido e não nos completa, não nos transforma em pessoas mais felizes. O Voluntariado surge com este olhar, quebrando o paradigma de ver a vida e compreender a sociedade apenas pelos livros. Ele é a oportunidade de encontro com outras realidades, é o momento de ver *in loco* (contexto), refletir, agir e experienciar de acordo com os preceitos do PPI. O PPI auxilia nesta reflexão profunda que dá sentido aos homens pelo que são, na sua busca pelo Magis, contrariando a visão de “homem-mercadoria”.

Em 2017, fui convidado para assumir uma das turmas do Voluntariado do Colégio, que atendia a Creche Santa Luiza, localizada na Vila Farrapos, em Porto Alegre. Na ocasião, tivemos uma experiência muito significativa, na qual todos pudemos ajudar a creche a ter um ambiente melhor, seja construindo uma horta, pintando o muro, seja realizando atividades culturais junto às crianças. A partir dessa experiência, compreendi um pouco melhor o real sentido do voluntariado para os estudantes.

Trocando ideias com professores de outros colégios da Rede Jesuíta, que já tinham o projeto do Voluntariado estruturado de outras formas e que vinham gerando significativas experiências para os estudantes, começamos, com a ajuda dos estudantes e do Serviço de

Orientação Religiosa, Espiritual e de Pastoral (SOREP), a desenhar uma nova proposta para o projeto no Colégio Anchieta.

A proposta que assumimos está alicerçada no PPI e conta com um projeto que acontece semestralmente, com uma contextualização; algumas ações – de maior e menor impacto; a reflexão sobre o impacto almejado e alcançado; uma avaliação que aponta para novas melhorias e que fica registrada, servindo como guia para o próximo grupo; e uma experiência nova que cada um(a) leva para a sua vida.

A divisão semestral tem se mostrado eficaz para a participação de estudantes que possuem rotinas variadas e que têm medo de assumir um longo compromisso, uma vez que apresenta uma oportunidade de abrirem uma exceção “curta”, a fim de conhecerem o projeto e participarem dele num curto espaço de tempo. Acaba acontecendo, na prática, que muitos gostam tanto da proposta que se inscrevem para participar do momento do segundo semestre também.

Falarei muito brevemente de cada etapa do projeto que tem por objetivo ajudar a transformar nossa sociedade num lugar mais justo, humano e fraterno, contribuindo para o desenvolvimento de lideranças e oportunizando o protagonismo aos nossos estudantes. A consciência social, o entendimento de (co)responsabilidade são, não só horizontes buscados, mas habilidades características de uma Cidadania Local e Global, ou seja, valorizando o que faz parte do contexto particular, sem esquecer da importância e a emergência de cuidar do planeta e das demais pessoas. Vivemos um “local” coparticipando do “global”. Ter consciência da importância de pensar no/com o coletivo, é competência indispensável na Formação Integral.

### 3.1.1 O contexto que toca

Após a divulgação e a inscrição dos estudantes interessados em participar do projeto, a primeira ação do Voluntariado consiste numa visita ao local que será atendido. Nela, é feita a apresentação da equipe que está coordenando o espaço, do espaço em si e das fragilidades latentes, que precisariam de alguma intervenção a curto prazo ou mesmo imediatamente.

Ter a oportunidade de caminhar pelo espaço com olhar atento a cada detalhe, conversando com as pessoas, ouvindo as histórias e as necessidades que elas têm (sempre fazendo anotações) é um momento sensibilizador, que toca o coração.

Ao final desse momento, retornamos novamente ao Colégio com o “coração ardendo” (Lc 24, 32) e cheios de vontade de sair em partida para solucionar cada uma das situações



identificadas ao longo da visita. Mas, nesse momento, é chegada a hora de cada estudante retornar para a sua casa ou para suas atividades e, ao longo da semana, “ruminar” a primeira experiência, a fim de tirar algum proveito dela.

### 3.1.2 A reflexão que contrasta

Na semana seguinte à visita, novamente é agendada uma reunião no mesmo horário, com uma pauta específica: (1) acolhida; (2) momento de reflexão, preparado pelos coordenadores (alunos que já viveram a experiência); (3) partilha das impressões da visita; (4) eleição de possíveis atividades a serem realizadas; (5) encaminhamentos e divisões de tarefas a serem planejadas; e (6) envio.

Após a acolhida e um breve momento de reflexão, todos são convidados a partilharem o que viram e como perceberam o local. Cada um tem um modo de enxergar as coisas, fazendo desse um rico momento de sensibilização entre eles mesmos.

Realizada a partilha, o que contrasta é perceber uma realidade tão distinta do que a maioria deles vivencia na prática. Os estudantes do Colégio Anchieta, de forma geral, possuem famílias com condições (mesmo que mínimas) de sustentarem uma estrutura de estudos, lazer, cultura... Também vêm à tona as limitações físicas e estruturais que o grupo possui no que diz respeito à solução de todos os problemas identificados.

Após a partilha, todos elegem uma ação de importância/impacto a ser realizada e outras “menores” que poderão ser realizadas no decorrer dos encontros, em paralelo à primeira.

Sabendo o que precisa ser feito, procede-se a divisão do grande grupo em grupos menores com responsabilidades distintas: quem vai cuidar das campanhas, da divulgação, da ação em si, das questões financeiras, equipe de planejamento de atividades lúdicas e culturais, entre outras atividades, dependendo do que for eleito como prioridade.

O momento final da reunião é de fato o envio. Cada um sai sabendo a tarefa que o seu grupo precisa cumprir a fim de que as atividades eleitas para serem realizadas possam acontecer da melhor forma possível.

### 3.1.3 A ação planejada e executada

Ao longo da semana, cada um dos grupos procura dar seguimento aos encaminhamentos dados na reunião. Com frequência, são utilizados os grupos de *WhatsApp* para alinhar detalhes e garantir o cumprimento das tarefas.

Chegado o dia do encontro da semana seguinte, é hora de colocar em prática as ações culturais e lúdicas e de conviver (o que é muito importante). Dependendo do tamanho do projeto principal, somente se conseguirá uma entrega depois de várias semanas de trabalho. Por vezes, a entrega fica inacabada, sendo uma das incumbências do próximo grupo dar sequência. Esse é o momento em que, antes da pandemia, realizávamos a ida ao local para colocar a mão na massa. Com o advento da pandemia, descobrimos outras formas de ajudar através de vídeo chamadas e de gravações, como por exemplo: de atividades lúdicas, execução de músicas, aulas de reforço escolar etc. Ou seja, além das tradicionais campanhas, encontramos outras formas de atuar à distância, sem perder a consciência da doação e do trabalho que transforma.

A “grande chave” dessa etapa é fazer perceber que o aprendizado está no processo e não no resultado. Como diria Sidarta Gautama: “uma grande jornada se inicia com o primeiro passo”. Assim, os estudantes vivenciam a execução de pequenas ações a cada dia do encontro, alcançando passo a passo o objetivo traçado no início do projeto.

#### 3.1.4 A avaliação que constrói

Todo projeto, toda grande caminhada, é marcada por acertos e tropeços. Avaliar não é “colocar o dedo na ferida”, mas identificar onde aconteceram os acertos, para, na medida do possível, repeti-los; porém, acima de tudo, é perceber e entender os erros ao longo do caminho, para também aprender com eles.

O momento de avaliação é importante para o crescimento do grupo e para o sucesso dos próximos grupos que virão (próximos momentos). Sempre existe um grupo de estudantes que já vivenciou o processo e que acompanha o novo que inicia. Essa é uma forma criativa de preservar a memória dos acontecimentos e o aprendizado, ao longo de cada uma dessas etapas. Sempre é novo, mas um novo com raízes na história construída pelos alunos ao longo do projeto.

Essa etapa tem por objetivo a construção de um mapa para o próximo momento. Quem vivenciou o processo já pode mostrar alguns “atalhos” para o próximo grupo, aprimorando a vivência e significando o que já foi realizado.

### 3.1.5 A experiência que marca

O grande ápice do projeto Ações Solidárias – Voluntariado – é a experiência vivida. O estudante que encerra uma etapa junto com o grupo se dá conta de que: (1) não é só mais um grupo qualquer, é um grupo de amigos; (2) é possível transformar o mundo num lugar melhor com pequenos gestos; (3) não existe maior alegria do que fazer o bem e receber um sorriso, um abraço, um sincero “muito obrigado” como retribuição. Essa é a fala dos próprios estudantes, que pode ser verificada na pesquisa aplicada a eles (Anexo A).

*“Para mim o projeto foi uma das partes mais importantes, senão a mais importante, de minha formação acadêmica. Conviver com pessoas de uma realidade diferente da minha; interagir com meus colegas de uma forma mais profunda e em meios diferentes; me empenhar em projetos que antes eu sequer conhecia: foram experiências que me transformaram na pessoa que sou hoje”.* (ESTUDANTE 1).

Participar do Voluntariado é mais do que um momento isolado, é uma mudança de paradigma, uma transformação no modo de ser e de entender o mundo. Cada um encerra o projeto tendo um sentimento vivo de ser “fogo que acende outros fogos” (experiência de Alberto Hurtado – Hogar de Cristo – Chile). Por trás de cada uma dessas etapas, está a Pedagogia Inaciana e o jeito do Colégio Anchieta de entender e transformar a sociedade.

## 4. FORMAR: APRENDER, ENSINAR E EXPERIENCIAR

Um dos grandes movimentos formativos que percebemos nas escolas, de forma geral, é um olhar centrado no currículo. O **Currículo**<sup>4</sup> precisa responder aos anseios da sociedade, da própria escola, das famílias, dos estudantes e, também, qualificar para os exames externos de continuidade à vida acadêmica e/ou profissional de cada um.

O que sempre esteve no horizonte de Inácio de Loyola, segundo Lopes (2018, p. 149), foi o desejo de que o estudante deveria participar, vivenciar uma experiência ao longo do processo escolar. Isso o fez se apaixonar pelo *modo parisiense*: “Um dos aspectos mais atraentes do *modo parisiense* foi a metodologia ativa, participativa, colaborativa por parte dos alunos”. (LOPES, 2018, p. 149).

Nesta perspectiva, Jorge Larrosa (2017), em sua obra *Elogio da Escola*, também traz, de forma muito significativa, essa ideia de experiência:

---

<sup>4</sup> Grifo meu.

Ao invés de narrar as (boas, más, grandiosas, tristes) experiências de aprendizagem na escola, uma língua pedagógica procura dar voz à experiência enquanto aprendizagem escolar. Não a experiência de uma condição na qual alguém não é (ainda) capaz de, por exemplo, escrever ou contar. A Experiência escolar se refere ao que é experimentado no momento único em que escrever ou contar se tornam uma possibilidade; a experiência enquanto se aprende antes de ser de fato capaz de escrever ou contar, mas não apenas a experiência de (simplesmente) não ser capaz de escrever ou contar. Pense-se na criança que aprende a escrever. Antes de ser capaz de escrever, a criança tem (provavelmente) a experiência de não ser capaz, mas ela não experiencia a aprendizagem. Quando é capaz de escrever, talvez se lembre de seu aprendizado, mas não experiencia ela mesma a aprendizagem. A experiência escolar e a experiência no momento em que a habilidade de escrever (e, portanto, de não escrever) é experienciada como tal. (LARROSA, 2017, p. 56).

Lendo a afirmação de Larrosa (2017), pensamos sobre o quanto vivenciamos uma cultura de imediatismo, de velocidade: a cultura do clicar e acontecer. A vida e a aprendizagem não se dão de forma instantânea. Existe um processo pelo qual cada estudante precisa passar para alcançar alguma habilidade específica. Devemos curtir o processo. Isso é viver, experienciar.

Larrosa ainda nos faz refletir sobre outros aspectos a respeito da experiência e do real papel da escola.

A escola não consiste em fazer os estudantes e alunos melhores performadores – embora isso lhe seja frequentemente demandado. A escola consiste na oferta aos/às jovens do tempo e do espaço para que fiquem “em forma”, para que trabalhem em seu “condicionamento” (intelectual, físico...), e, claro, pode-se esperar que esse preparo e essa forma ou condicionamento resultem em performances de excelência ou em contribuições únicas mais tarde, mas é absurdo dizer que a escola é responsável por isso. A escola consiste no preparo, não em performances. (LARROSA, 2017, p. 57).

A escola, por excelência, é o lugar onde o aluno vai experienciar. É o laboratório – intelectual, social, emocional... – da Formação Integral. Por isso, ela oferece experiências que promovem um novo pensar, um refletir a partir da ação, contribuindo para o desenvolvimento dos estudantes, para que possam ser pessoas mais preparadas para viverem e contribuírem positivamente no mundo. “Hoje, é necessário uma revolução temporal, que gere outro tempo, o tempo do outro, que não é um tempo do trabalho, uma revolução temporal que traga de volta para o tempo o seu aroma”. (HAN, 2021, p. 34)

Sempre foi desejo de Inácio, e hoje está expresso na PI, que os estudantes dos colégios da Companhia de Jesus vivessem abundantemente. Para tal, é de fundamental importância olharmos para o currículo e enxergarmos o caminho (processo) que desejamos que seja trilhado por eles. Enquanto colégio da Companhia de Jesus, proporcionamos momentos de experiências significativas na formação de seres humanos mais competentes, conscientes, compassivos e

comprometidos, assim como nos aponta o Projeto Educativo Comum (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO, 2016, p. 30) e as demais diretrizes da Companhia.

#### **4.1. Impactos do Voluntariado na construção do Projeto de Vida dos estudantes**

Quando comecei a participar do Projeto Ações Solidárias – Voluntariado do Colégio, existia uma dinâmica um tanto quanto diferente, na qual praticamente quem exercia o papel de coordenador do grupo era o professor responsável. A ele eram atribuídas tarefas, desde o planejamento até a execução, passando pela avaliação. Aos poucos, conforme fui interagindo com os estudantes, percebi o quão mais significativo era se o protagonismo estivesse nas mãos deles e se o professor responsável atuasse como assessor e orientador. E foi o que fizemos, mesmo que naquele momento isso não estivesse sendo tão bem acolhido por eles, pois estavam acostumados a uma outra dinâmica.

Depois de ter vivido diversas etapas do projeto junto aos/às estudantes, fiz uma entrevista com alguns(mas) que já haviam se formado e outros(as) que estavam concluindo o Ensino Médio, para buscar entender melhor os efeitos do Voluntariado em suas vidas e saber se eles concordavam que ele fosse mais do que um projeto optativo, passando a ser oferecido com uma carga horária mínima dentro do currículo para todos(as) os(as) estudantes do Ensino Médio. Foram três as perguntas:

- Como você avalia a importância de ter participado do projeto Ações Solidárias – Voluntariado na construção do seu projeto de vida?
- Como você avalia a importância do Projeto Ações Solidárias na perspectiva da formação integral dos estudantes?
- Quanto você consideraria importante a participação de todos os seus colegas no Projeto Ações Solidárias?

Entrevistei 13 (treze) estudantes, meninos e meninas. Optei por entrevistar quem já havia se formado e quem estava cursando a 2ª e a 3ª séries do Ensino Médio, ou seja, quem teve maior tempo de experiência com o projeto, visto que, em 2020, por conta da pandemia, tivemos algumas ações isoladas, apenas.

Realizei a entrevista, levando em consideração a seguinte metodologia: primeiro fiz cada uma das três perguntas citadas anteriormente para cada um(a) dos(as) estudantes, pedindo que assinalassem de 0 a 10 pontos o quão significativo ou importante foi o projeto, em que zero significaria que não foi importante e 10, que foi muito importante e/ou indispensável para

alcançar o fim destacado na pergunta. Após cada uma das perguntas, para que eu pudesse ter um maior entendimento da nota que eles haviam colocado, pedi que explicassem os motivos que os(as) levaram a dar tal nota.

O resultado da entrevista foi bem revelador. Vou trazê-lo aqui de forma objetiva: para a primeira pergunta, obtive uma média de 9,77 pontos, comprovando que o Voluntariado foi muito importante na construção do projeto de vida dos(as) estudantes; na segunda pergunta, obtive novamente 9,77 pontos, mostrando que ele é essencial quando se trata de Formação Integral; e, por fim, quanto à importância de todos participarem do projeto, mesmo que fosse numa experiência de um semestre, obtive 9,33 pontos, revelando que a maioria dos entrevistados entende que é uma experiência indispensável para todos(as) nessa etapa da vida.

Das justificativas apresentadas, citarei algumas abaixo, como a do seguinte estudante que respondeu à primeira pergunta da forma que segue:

*“Eu sempre gostei de ajudar os outros, faço, nem que sejam, pequenas ações como doar roupas, brinquedos, alimentos, cabelo, sangue. Quando eu tive a oportunidade de participar do voluntariado eu me apaixonei, pois pra [sic] nós, são só algumas horinhas de quinta feira (pelo menos era antes da pandemia), mas pra [sic] eles é muito mais que isso. Tem alguns idosos que só querem alguém pra [sic] ouvir eles algumas vezes, conversar, algumas crianças que só querem alguém pra [sic] brincar. Eu acredito que o voluntariado seja um projeto tocante, marcante, que quem fez com certeza vai lembrar pelo resto da vida. Acredito também que ele possa mudar o pensamento e as atitudes de algumas pessoas, sempre pra [sic] melhor, claro. As pessoas que fazem voluntariado são, de certa forma, diferentes dos outros alunos, na minha visão, e eu fiz amigos que vou levar pra [sic] vida toda. Eu faço outros projetos do colégio, como o Magis, mas sempre faço questão de dizer que o voluntariado é, sem sombra de dúvidas, o meu preferido”. (ESTUDANTE 2).*

É emocionante poder ler essa justificativa após ter vivido o processo junto com cada um deles. E, quando por ocasião do Ano Inaciano, somos convidados a “ver novas todas as coisas em Cristo”, atente-se para o que diz esse estudante:

*“Foi importante, pois me ajudou a perceber que eu poderia ajudar pessoas de diversas maneiras, trazendo momentos de descontração e alegrias para elas e para mim mesmo. O mais significativo foram as experiências acumuladas e a apropriação com uma realidade diferente da qual eu vivia, passei a enxergar as coisas com outros olhos e me tornei mais empático”. (ESTUDANTE 3).*

E o que eles disseram sobre o quão importante seria se cada um dos que não participaram tivessem tido a experiência ao menos de um semestre, que corresponde hoje a uma etapa do projeto:

*“Às vezes é complicado arrecadar os itens necessários e realizar divulgações com menos gente no projeto, mas não impossível. Contudo, quanto mais pessoas participando, as ações realizadas se tornam mais grandiosas (no sentido de qualidade) e mais pessoas podem ser beneficiadas, tanto os voluntários quanto os que são assistidos”.* (ESTUDANTE 4).

Esse outro estudante trouxe uma fala mais completa, inclusive apontando a importância de outras ações que compõem o projeto Ações Solidárias, como, por exemplo, o Apadrinhamento, que é experienciado por eles até o 8º Ano, cedendo lugar ao Voluntariado, entendido como uma proposta de maior responsabilidade e engajamento sistemático, a partir do 9º Ano:

*“Eu acho que a experiência do voluntariado, de qualquer tipo que for, deveria ser vivida, pelo menos uma vez, por todos. Isso não precisaria ser necessariamente, uma atividade fixa, já que não é todo mundo que se sente confortável nessas atividades, mas acho, por exemplo, a atividade do apadrinhamento, que experienciei várias vezes durante meus anos na escola, uma ótima proposta, já que nos torna mais conscientes dos nossos privilégios e cientes do impacto que podemos causar na vida de pessoas que, em sua grande maioria, não tiveram as mesmas oportunidades que nós”.* (ESTUDANTE 5).

Das respostas que obtive para a pergunta 3, se deveriam todos ter, ao menos uma vez, a experiência do Voluntariado, apenas uma resposta foi contrária à ideia:

*“Eu acho importante que as pessoas façam alguma ação voluntária, pois isso faz muito bem pra si e para o próximo, mas não acho adequado que todo mundo faça (o voluntariado) pois tem gente que realmente não se importa e só iria deixar o clima tenso e ficar incomodando”.* (ESTUDANTE 6).

Ainda que essa resposta enfatize um ponto negativo, ela está embasada em uma dinâmica vivenciada por esse estudante ao longo do processo, que aconteceu de forma lenta até chegarmos ao que hoje temos e, também, em uma experiência particular, talvez até isolada, tendo em vista as demais respostas apontarem essa ideia como uma alternativa interessante.

No intuito de não deixar o presente texto extenso, disponibilizarei a entrevista e suas respostas no Apêndice A. Saliento que o leitor, ao lê-las, terá consciência de como cada estudante se envolveu e compreenderá também a importância do Voluntariado.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“A educação da Companhia ajuda os alunos a perceberem que os talentos são dons a serem desenvolvidos, não para a satisfação ou proveito próprio, mas antes, com a ajuda de Deus,

para o bem da comunidade humana”. (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1989, p. 31).

Chegando aos últimos passos dessa caminhada que realizamos, gostaria de reforçar a ideia que foi apresentada na introdução, de que não existe nada concluído e que aqui consta uma pequena síntese de algumas experiências vividas: a minha, enquanto professor responsável pelo Voluntariado do Colégio Anchieta e a de alguns estudantes que tive a oportunidade de conhecer melhor a partir do projeto.

O grande objetivo da formação da Companhia de Jesus é “incentivar os estudantes a usar a suas qualidades a serviço dos outros” (CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS, 1989, p. 31), e não posso deixar de apontar o Voluntariado como uma experiência singular na formação de cada um(a). Os benefícios e as habilidades alcançadas por cada um e cada uma, que tive a oportunidade de acompanhar ao longo desses anos, são inegáveis.

Hoje, quando pensamos no Paradigma Pedagógico Inaciano, aplicado no currículo dos colégios jesuítas, podemos perceber que a sala de aula, enquanto laboratório, é um espaço capaz de proporcionar boas avaliações, contextualizações, resolução de problemas específicos de cada área do conhecimento, bem como desenvolver a reflexão, mas é pobre no que diz respeito à experiência. Não é possível simular o mundo a partir da sala de aula para que cada um possa experienciá-lo. Podemos imaginá-lo, enxergá-lo por meio de fotos e vídeos ou outras tecnologias que existem (e ainda passarão a existir), mas jamais será um lugar capaz de fazer o estudante experimentar, arrepiar-se, sentir o mundo que o cerca.

Gosto muito da afirmação de Larrosa (2017, p. 26):

O sujeito da experiência é o sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “expormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. (LARROSA, 2017, p. 26).

No Voluntariado, a oportunidade de olhar para o outro e de ajudar, de transformar a realidade, é possível. Como diz José Saramago em seu livro *Ensaio Sobre a Cegueira*: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara!”.

Algumas vezes, fui procurado por estudantes que já haviam saído do colégio com o intuito de que redigisse uma carta de recomendação, citando a sua atuação no Voluntariado e destacando algumas qualidades que tenha percebido ao longo da formação. Essa carta iria



compor um portfólio de documentação para concorrer a uma vaga numa universidade dos Estados Unidos ou do Canadá. É impressionante como as grandes universidades pelo mundo valorizam quem demonstra em seu currículo que fez a experiência do voluntariado. Para além das universidades, o próprio mercado de trabalho tem dado prioridade para os recém-egressos das universidades que possuem atividades voluntárias sistemáticas no currículo.

O Voluntariado tem se mostrado um projeto transformador na vida dos(as) estudantes; um lugar que, por excelência, proporciona uma experiência de vida única e uma oportunidade singular de cada um(a) colocar seus dons a serviço; um espaço de partilha da vida, de construção e de fortalecimento de (novas) amizades; um espaço de desenvolvimento da liderança e do protagonismo; uma experiência que enriquece o currículo do estudante e que é valorizado nas grandes universidades do mundo e no mercado de trabalho.

Diante de tais premissas, deixo para reflexão a seguinte questão: seria muita ousadia por parte dos colégios da Companhia de Jesus inserir o voluntariado no currículo obrigatório do Ensino Médio? Não quero dizer aqui que todos devam participar do projeto ao longo do Ensino Médio, mas que devam cumprir uma carga horária mínima ao longo dos três anos ou então, que possam participar de um semestre do projeto, na íntegra, no formato do Colégio Anchieta, vivendo as cinco etapas do PPI. Não seria uma ênfase do colégio no processo de desenvolvimento da excelência não só acadêmica, mas também humana?

Acredito, após os estudos realizados e as escutas feitas, que o Voluntariado é mais que um projeto, é uma oportunidade para este olhar que transpassa o currículo envolvendo as demais áreas de conhecimento a fomentar em nosso estudante o encontro consigo mesmo e o com o outro, percebendo, estudando e refletindo sobre a linguagem, a história, a geografia desse outro e a respeito de sua realidade; um espaço de reflexão, de pausa para compreender este mundo tão acelerado; um espaço para provocar o discernimento da ação na construção de um mundo para e com os outros. Busco em Larrosa o diálogo que nos auxilia a refletir sobre o tempo da experiência ao dizer:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção [...], requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece [...]. (LARROSA, 2002, p. 24).

Enfim, essas são questões que coloco ao alcance de nossos colégios para refletirem. Vivemos novos tempos, novos desafios, mas nosso objetivo enquanto instituição, que tem no

seu horizonte a Formação Integral, continua o mesmo: formar cidadãos mais justos, humanos e fraternos ou, como bem aponta o PEC, compassivos, comprometidos, conscientes e competentes. Acredito que, em cada colégio da Companhia, o voluntariado pode desempenhar um papel singular na formação dos(as) nossos jovens e deve ser ofertado de forma diferente. É um ponto que ainda exige mais pesquisa e que segue aberto a novas reflexões, à espera dos próximos capítulos...

## REFERÊNCIAS

CARACTERÍSTICAS da Educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**. Em busca do tempo perdido. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HANVEY, James, SJ. **II Coloquio JESEDU-Global2021**: Ponencia sobre la educación para la fe. Disponível em: <https://www.educatemagis.org/wp-content/uploads/2021/05/JESEDU-Global2021-James-Hanvey-SJ-Spanish-1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: Escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LARROSA, Jorge (org.). **Elogio da escola**. Tradução de Fernando Coelho. 1. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LONSDALE, David. **Olhos de ver, ouvidos de ouvir**: Introdução à espiritualidade inaciana. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LOPES, José Manuel Martins, SJ (org.). **A Pedagogia da Companhia de Jesus - Contributos para um Diálogo**. 2. ed. Braga: Axioma, 2018.

NOTÍCIAS falsas na rede: o poema que o Papa Francisco não escreveu e as frases que não enviou pelo Twitter. *In*: ACI Digital, 27 setembro 2013. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/noticias-falsas-na-rede-o-poema-que-o-papa-francisco-nao-escreveu-e-as-frases-que-nao-enviou-pelo-twitter-97914>. Acesso em: 01 ago. 2021.

PEDAGOGIA Inaciana: uma proposta prática. Tradução de Pe. Mauricio Ruffier, SJ. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. **PEC**: Projeto Educativo Comum. São Paulo: Loyola, 2016.

ROBINSON, Dave; GROVES, Judy. **Entendendo filosofia**: um guia ilustrado da história do pensamento. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Leya, 2012.

## APÊNDICE A – ACESSO À ENTREVISTA COMPLETA

ENTREVISTA COMPLETA COM OS ALUNOS DISPONÍVEL NO LINK:

[https://drive.google.com/drive/folders/1\\_SxEqww3sqJZSeqSOHrVSqgpDud1-C3C?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1_SxEqww3sqJZSeqSOHrVSqgpDud1-C3C?usp=sharing).

OU NO *QR CODE* ABAIXO:

